

# ASPECTOS IDENTITÁRIOS DO DISCURSO HISTORIOGRÁFICO

Geiza da Silva Gimenes\*  
Vânia Maria Lescano Guerra\*\*

**RESUMO:** O estudo, que toma como objeto de investigação o discurso historiográfico, mostra a história onde ela não é considerada, ou seja, investiga como se constituiu a identidade cultural da cidade de Rondonópolis (MT) e em nome de quem ela se legitimou. A investigação inscreve-se no quadro da Análise do Discurso de linha francesa e nos estudos da Nova História Cultural para, por meio de um trabalho genealógico, analisar tal formação num processo de restabelecimento de diversos sistemas de submissão, no jogo casual das dominações. A pesquisa parte da perspectiva da história enquanto acontecimento, discurso, quebrando a idéia de continuidade, homogeneidade e objetividade da história tradicional, trazendo à tona a “história efetiva”, uma vez que o saber não foi feito para compreender, ele foi feito para cortar, segundo estudos foucaultianos. Neste processo, são articuladas as desconstruções de discursos que deram visibilidade e tornaram instituível uma identidade para a cidade como, por exemplo, os discursos oficiais, literários, crônicas, observando as relações de força que atravessam estes discursos, os quais podem ser verificados em práticas discursivas que os recortam, classificam, definem e os incluem na história, excluindo simultaneamente outros discursos que circulam nesse espaço como o sujeito feminino, a periferia desses discursos, embora se tenha constatado a inserção de uma figura feminina da índia Rosa Borora, objeto do presente estudo.

**Palavras-chave:** discurso; história; relações de poder; identidade.

**ABSTRACT:** The study, which takes as investigation object the historically discourse, shows the history where it is not considered, that is, it is investigated it as it constituted the cultural identity of Rondonópolis city (MT) and in the name of whom legitimated it. The investigation is based on the board of French Discourse Analyze and the New Cultural History to analyze, by means of a genealogical work, this formation in a process of reestablishment of several systems of submission, at the domination casual games. The research starts from history perspective while happening, discourse, breaking the continuity idea, homogeneity and the traditional history objective, to bringing up the “effective history”, once that the knowledge was not done to understand, it was done to choose, according to Foucault’ studies. In this process, the discourses breaking are articulated which gave visibility and become established an identity for the city, as for instance, the official discourses, literary, chronics, observing the relationships of power which go through these relationship of power which go through these discourses, the ones which may be realized in discursive practices

---

\* Mestra em Letras pelo Programa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do campus de Três Lagoas.

\*\* Doutora em Linguística e Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS, do campus de Três Lagoas e pesquisadora da FUNDECT.

which choose, classify, define, including them in the history excluding, simultaneously other discourses which are around in this space, as the female subject, the periphery of these discourses, although it was verified the insertion of a female figure of Rosa Borora Indian, object of the current study.

**Keywords:** discourse; history; power relations; identity.

## PALAVRAS INICIAIS

É por meio da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas. A existência de um espaço ganha forma na representação que, neste caso, materializa-se na língua, lugar de lutas sociais, históricas e culturais. Desta forma, a construção e legitimação de uma memória urbana, por exemplo, constitui-se à medida que o espaço geográfico cede lugar ao espaço social, histórico e cultural, dando forma às aspirações de determinado grupo dominante detentor das relações de poder e instituidor do lugar de cada grupo nesse jogo de forças capitalistas, em que a identidade se torna mercadoria.

Nesse sentido, o espaço deixa de existir enquanto dimensão natural e geográfica para se tornar um construto histórico, atravessado pela mão do homem.

Concebido dessa forma, os grupos capitalistas que detêm/constroem/legitimam a memória de uma cidade e de seus habitantes selecionam objetos, definem lugares que trarão à tona novas formações discursivas – as FDs – (*aquilo que pode e deve ser dito* – PÊCHEUX, 1997), exercitadas nas práticas discursivas diárias, dando visibilidade a uma nova cidade que se quer fundar.

As escolhas dos objetos responsáveis pela identidade de uma cidade e de seus habitantes não são aleatórias, mas dirigidas por interesses de classe, isto é, pelos interesses da classe dominante. Essas escolhas, traduzidas em signos, símbolos, temas, instituem-se como verdade por meio da repetição, ganhando consistência e, tornando-se parte integrante dos discursos que compõem as FDs deste lugar.

No caso da cidade de Rondonópolis, é o discurso sobre a fertilidade da terra (ALVES, 1995), inicialmente, o divulgador de uma imagem de crescimento e desenvolvimento para a cidade. E por falar em imagem, para a investigação da identidade é necessária a investigação da imagem que o sujeito faz de si mesmo, sua auto-imagem, e da imagem do outro com quem interage, à medida que revela tanto o que o sujeito gostaria de ser, quanto o que estabelece como critério para definir o outro. Imagem é entendida aqui como conceito distinto de identidade, mas que a complementa, já que ao falar do outro estou necessariamente revelando meus valores. A minha imagem é aquilo que os outros dizem/pensam de mim e que só é revelada a partir da linguagem do outro.

Isso posto, pretendemos dialogar com essas vozes do passado que continuam ecoando no presente. Vozes que manifestam a polifonia da cidade, que evidenciam os traumas causados pela aceleração do tempo e a ruptura com a experiência social do passado. Vozes que pretendem reconstruir uma ponte com o passado, produzindo

no presente uma imagem mais estável e harmônica do passado da cidade. Compreender como essas vozes traduzem essas tensões, ao produzir uma imagem da cidade, é o objetivo desse estudo, que busca repensar as práticas de produção social sobre a representação da cidade de Rondonópolis, entendida, aqui, como uma invenção, em que imagens e identidades são construídas como, por exemplo, a figura da índia Rosa Borora, em virtude da repetição regular de determinados enunciados, tomados como definidores da identidade que se cria para a cidade e para seu povo.

## 1 O PROCESSO IDENTITÁRIO DE RONDONÓPOLIS

Como falar da história é falar de acontecimentos passados que foram registrados a partir da ótica de alguém, faz-se relevante (re) visitar alguns arquivos desta história e lançar um “[...] olhar que sabe tanto de onde olha e o que olha [...]” (FOUCAULT, 2004, p. 30).

Desse modo, queremos aqui lembrar Veyne (1998) que nos diz que a história deve ser como uma cidade que visitamos pelo simples prazer de rever fatos.

Rondonópolis, antigo povoado do Rio Vermelho, surgiu como distrito de Paz de Cuiabá, em 08 de outubro de 1920, por meio da resolução n. 814. Em 26 de outubro de 1938, devido à proximidade com a cidade de Poxoréu, ao restrito número de habitantes e à nova política adotada pelo Estado, passou a ser Distrito de Paz de Poxoréu, por meio do decreto lei n. 208, embora continuasse como Comarca de Cuiabá.

Finalmente, em 1953, com aproximadamente 2.888 habitantes, comércio razoável, igrejas e escolas, Rondonópolis foi elevada à categoria de município pela lei n. 666, de 10 de dezembro do corrente ano.

Segundo Tesoro (1997, p.25), a região de Rondonópolis, de 1.875 a 1.909 passou por um processo de ocupação por índios bororós, tropas do exército Nacional que se instalaram próximo ao Rio Ponte de Pedra, até mais ou menos 1895. Logo depois, vieram, também, os aventureiros em busca de ouro e pedras preciosas, mas logo foram embora, pois não encontraram a riqueza que vinham buscar aqui.

Já entre 1907 e 1909, chegaram os homens das expedições da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas, que ligariam o Estado de Mato Grosso ao Estado do Amazonas por meio de telégrafo, visto que os dois estados ficavam isolados do resto do país.

De acordo com Tesoro (1997, p. 25),

[...] os índios, os militares, os aventureiros e os homens das linhas telegráficas não podem ser considerados os fundadores de Rondonópolis porque não iniciaram o efetivo povoamento da região. O fato é que eles permaneceram apenas ocupando o lugar por um período temporário, e ou não conseguiram atrair novas levas de moradores para a região.

A retração da história da cidade de Rondonópolis numa produção escrita constituiu-se na década de 70, em especial com a obra da historiadora Carmelita Cury, intitulada *Do Bororo ao Prodoeste*, desencadeando várias outras manifestações que apresentam uma mesma e única versão sobre a história da cidade.

As diversas publicações daquela época até os dias atuais historicizam as origens da cidade na figura indígena da nação borora, seguindo um fio condutor em que as potencialidades do local são enfatizadas, bem como os moradores pioneiros.

O que fica evidenciada nessa produção escrita é a instituição de uma imagem de vencedores, em que se destacam os que se instalaram inicialmente na área destinada à colonização e obtiveram êxito financeiro/social.

A cidade retratada por esta representação é redundante, uma vez que repete para fixar uma identidade, ou seja, deve sua formação aos pioneiros/heróis que resistiram a doenças, enchentes e transformaram a cidade natureza na conhecida Princesa do Leste.

Partindo de que a história da cidade está indissolúvelmente entremeada à história dos que são, por esta produção escrita, selecionados como os que primeiros chegaram ao lugar e que, com sua força e trabalho, conseguiram transformar uma área de terras inóspitas em lugar próspero, esses textos produzem uma memória de vencedores e parecem fixar uma história de progresso.

## **2 EM BUSCA DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

O sujeito só se constitui e produz sentidos por meio da língua, a qual mantém uma relação intrínseca com a história, segundo Orlandi (2001, p. 99). Para Foucault (2002, p. 107), o sujeito só pode existir quando ocupa sua posição no discurso, posição esta institucionalmente marcada na/pela história. Já para Pêcheux (1997, p. 161), após releitura dos trabalhos de Althusser, os indivíduos se reconhecem enquanto sujeitos quando interpelados em sujeitos de seu discurso, a partir de FDs que apresentam na linguagem suas correspondentes formações ideológicas.

De acordo com Pêcheux (1997, p.163), “[...] o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina”. Afetado pelo esquecimento n. 1, ele acredita ser senhor absoluto do seu discurso e que esse reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade, o que significa uma mera ilusão. O sujeito não passa de posições ideológicas (ilusões) inseridas num jogo do processo sócio-histórico.

Rodrigues (2004, p. 99-100) ressalta que o sujeito das instituições históricas de Foucault está inserido num espaço que o subjugua. No entanto, este mesmo espaço é atravessado por “falhas”, “transformações” etc., constituindo, desta forma, um sujeito não-passivo, uma vez que sorrateiramente ele “[...] age, subverte, corrói, destrói, modifica, transforma... nas mais diversas instâncias institucionais”, provocando, assim, aberturas, possibilidades de construção de outros sujeitos, “os sujeitos da resistência às Instituições”, por exemplo.

Compreender esse sujeito histórico, tanto em Pêcheux quanto em Foucault, significa entender as condições de produção dos discursos que norteiam todo processo enunciativo. Pensando nisso, Cardoso (2003, p. 38), a partir das leituras de Pêcheux (1990 e 1997) e de Maingueneau (1997), elabora um quadro dos principais elementos constitutivos das condições de produção do discurso, que se segue:

[...] o que fazemos ao usar a linguagem de maneira significativa é produzir discursos, que envolve certas condições, ou alguns elementos indispensáveis como:

1. *um locutor* (aquele que diz, sua posição sócio-histórica);
2. *um alocutário* (aquele para quem se diz o que se tem a dizer, sua posição sócio-histórica);
3. *um referente* (o que dizer, sempre determinado pelos sistemas semânticos de coerência e de restrições);
4. *uma forma de dizer*, numa determinada língua (que é preciso que se escolham as estratégias para se dizer);
5. *um contexto em sentido estrito*: as circunstâncias imediatas; o aqui e o agora do ato de discurso;
6. *um contexto em sentido lato*: as determinações histórico-sociais, ideológicas, o quadro das instituições em que o discurso é produzido – a família, a escola, a igreja, o sindicato, a política, a informação, a língua etc. Inclui-se aqui *um sistema de restrições* que determina os objetos, as escolhas temáticas, as modalidades enunciativas de um determinado discurso, assim como a relação entre os discursos, as possibilidades de citar do interior de um discurso etc.

Essas condições de produção nos levam a afirmar que as escolhas de quem diz não são aleatórias.

As condições de produção do discurso não visam apenas ao estudo da forma de organização dos elementos que constituem o texto, mas principalmente as formas de instituição de seu sentido.

### **3 A EMERGÊNCIA DA FIGURA FEMININA NO DISCURSO**

No intuito de delinear nosso objeto de estudo, procuramos estabelecer diálogos com estudiosos de outros territórios. Para melhor compreendermos a questão de gênero e do processo identitário, apontamos elementos que fomentam reflexões teóricas e metodológicas em vários domínios do saber visto que a instituição de uma memória urbana articula diversos objetos em sua construção.

Os estudos de gênero, no Brasil, ganharam destaque ao longo dos anos e passaram a ser terreno fecundo para diferentes reflexões teóricas e metodológicas. É num desses domínios, o da Análise do Discurso Francesa, que procuramos dar visibilidade ao lugar da figura feminina, por meio de um discurso de reconstrução.

Sabedores de que as pesquisas sobre mulher e relações de gênero enfrentam, ainda, desafios, nos propusemos a estudá-los. Para isso, valemo-nos de inúmeros

trabalhos que versam sobre o apagamento das relações femininas na historiografia masculina e buscamos melhor compreender essas relações para proceder à uma reconstituição discursiva em torno de uma historiografia marcada por outro gênero.

Pontuamos, aqui, Machado (1997, p. 9) que diz: “[...] a idéia de gênero, por sua vez, está ligada à idéia de diferença e à idéia de desconstrução”.

A importância de se investigar essas discursividades justifica-se pelo fato de colocar em discussão alguns pontos de reflexão sobre a epistemologia feminista e sua ressonância na historiografia, já que a experiência histórica e cultural feminina difere-se da masculina.

Nesse sentido, a mulher não deve ser “[...] pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes” (RAGO, 1998, p. 27).

É nesta direção que Scott (1991, p. 25) explica a inferioridade física e mental das mulheres, estabelecida pelo discurso masculino, o qual determinou a partilha entre homens e mulheres, ou seja, “[...] aos homens, a madeira e os metais, e às mulheres, a família e o tecido”, o que provocou uma divisão sexual da mão-de-obra no campo trabalhista.

Ainda sobre a questão de gênero em meio à identidade urbana, queremos chamar a atenção para o fato do olhar feminino reler a história num movimento de desconstrução de imagens e representações construídas pelos intelectuais tradicionalistas, em que a mulher se organiza na periferia da história.

Assim, sob o enfoque genealogista, na esteira de Foucault, as relações de hierarquia entre os sexos são entendidas como estratégias de poder que, articuladas a partir do discurso, tentam encobrir desigualdades, naturalizando-as. Neste sentido, a pertinência de questionar estratégias representacionais, usadas pelos intelectuais tradicionalistas na construção de discursos que se pretendem “verdadeiras” representações da realidade, ou seja, da identidade urbana e dos atores selecionados para a formação de uma identidade, deve levar em consideração os estudos sobre a epistemologia feminina.

Guerra (2006a), ao tratar a questão da representação feminina na mídia, aponta o fato das mulheres brasileiras serem, historicamente, educadas para o lar. Embora a mulher tenha ingressado no mercado de trabalho, deslocou para este lugar o preconceito, a diferenciação que se faz entre sexos, em especial, neste caso, no que se refere à competição por posições e direitos mais justos no campo das relações de trabalho.

O apelo à construção de identidades, calcado na ênfase das diferenças de gênero (inclusas todas as orientações sexuais), raça (com todas as etnias) e classe social, mobilizou o debate teórico nas ciências sociais. As minorias marginalizadas e silenciadas reclamaram e lutaram por um espaço próprio que as iluminasse. Elas contribuíram, igualmente, para deslocar a perspectiva teórica da análise das diferenças tanto das questões exclusivas relacionadas às mulheres quanto da universalidade biológica anterior às representações e práticas sociais.

## 4 ROSA BORORA: MULHER-MONUMENTO

A criação de um *monumento*, no sentido tradicional da palavra, é construída para ultrapassar o presente e transmitir à posteridade a memória de uma pessoa ou fato.

No fio discursivo da construção da identidade de Rondonópolis, em que se marcam tanto a questão religiosa quanto a figura do pioneiro, uma outra figura transita neste espaço: a figura da índia Rosa Borora.

Neste lugar, investigamos a teia discursiva de produção de Rosa Borora como Mulher-Monumento, socialmente investida do poder de evocar e eternizar o passado, considerando, entretanto, como esta personagem é estruturada, ou seja, vai ganhar sentido no fio discursivo da história, visto que as figuras femininas são sempre marginalizadas neste espaço.

Para compreender a constituição de Rosa-Monumento, fragmentar esta unidade, romper com a continuidade e desconstruir a identidade que naturaliza a personagem, investigamos as fontes como documentos-monumentos, conforme Foucault (2002), a fim de questionar sua produção e perpetuação, a partir de relações de poder-saber, procurando delinear as condições de produção de cada uma das memórias que envolvem a identidade da personagem.

Nesse combate das memórias, todos os discursos falam ou parecem falar a mesma coisa ao produzir uma história de vida para Rosa Borora. Todavia, essas diversas memórias, em sua heterogeneidade, não constituem apenas faces diferentes de uma mesma personagem, mas uma luta singular, um confronto em que relações de poder-saber se instituem, visto que o sujeito é “[...] alguém que se constitui no interior da história e é cada vez mais fundado por ela” (ARAÚJO, 2003, p. 111).

O objetivo deste trabalho é investigar a criação de uma memória oficial para a mulher-Monumento. Assim, analisamos as produções discursivas que produzem um discurso com valor de verdade sobre Rosa Borora: os discursos memorialistas da história de Rondonópolis.

De acordo com a história, Rosa Borora é uma figura pacificadora nos conflitos ocorridos entre índios e militares, em especial no governo de Joaquim Galdino Pimentel, nos anos de 1885-1886, em Mato Grosso.

Nomeada como destemida e corajosa, a história oficial diz que Rosa nascera na aldeia Thereza Cristina, região da cidade de General Carneiro, Mato Grosso, bem como fora capturada, em Cuiabá, pela tropa do Tenente Duarte, situação em que se tornara a grande “pacificadora” de seu povo, bem como recebera seu nome de batismo: Rosa Borora.

Se Rosa Borora não nasceu, nem residiu em Rondonópolis, como seu nome entra na *ordem do discurso* de construção da cidade, ou seja, como ganha sentido?

A primeira explicação que temos na história é a confusão feita entre o nome da Lancha Rosa Borora, que Marechal Rondon destinara ao atendimento do povo bororo da região rondonopolitana. Desta confusão, em que a lancha era denominada “Rosa Borora, a sereia das Águas Vermelhas”, muitos entenderam que a referência dizia respeito à índia, em analogia às águas do Rio Vermelho, de modo que a personagem

passou a ser cantada em prosa e verso como “[...] heroína borora do município de Rondonópolis” (CARMO, 2005, p. 48), o que resultou na criação, também, de uma comenda, do museu municipal e de uma rua da cidade com seu nome.

Aclamada como heroína de seu povo, é na crônica de Rego (1895, p. 193) sobre Rosa Borora que encontramos os grandes “feitos” desta personagem na pacificação entre índios e militares:

Era a leal índia que cumpria à risca a promessa feita e se aproximava, fazendo gestos de paz e amizade (R4 – 01).

Como já mencionamos, Rosa é conhecida como a heroína de seu povo, todavia, no enunciado R4 - 01, narra-se a lealdade de Rosa aos militares, ao trazer sua tribo ao Tenente Duarte, o qual lhe confiara esta missão.

A lealdade da índia não só marca a boa interação de índios e brancos, como torna esta ação um fato histórico durante o desbravamento de Mato Grosso, rumo ao desenvolvimento da região, o que pode ser verificado a partir dos léxicos *paz* e *amizade*, produzindo o efeito de sentido de que as ações militares entre índios e não-índios<sup>3</sup>, nesta região, realizavam-se sempre num sentido pacífico e, a grande redentora desta pacificação era a índia Rosa Borora, a qual intermediava essas ações.

Da missão empreendida por Rosa, vemos a submissão do cacique bororo ao ser trazido até os militares pela índia.

[...] o arco das grandes solemnidades e que naquele momento entregava como penhor de submissão e simbolo de aliança (R4 – 02).

Nesse excerto, fica clara a interação entre o índio e o não-índio, na direção de ambos integrarem uma mesma nação, articulando um discurso literário (crônica), perpassado pelos interdiscursos cívicos, nacionais, políticos, deixando resvalar o efeito de sentido de que era preciso que a submissão fosse um fato histórico da realidade para que houvesse desenvolvimento na região etc.

A descrição da solenidade, em R4 – 02, é marcada pelo léxico *penhor de submissão* que vem justificar o valor dado à atitude de submissão, no sentido de que era uma obrigação, dever, um resgate, uma dívida, um valor, enfim, estabelecendo-se o efeito da sujeição, em que o sujeito se submete a uma autoridade, a uma lei, a uma força, o que, neste caso, temos os três elementos representados pelos militares.

As ações de Rosa constroem a Mulher-Monumento no curso da história, conforme observamos nos dois enunciados seguintes que carregam a idéia de valorização da figura feminina, uma vez que Rosa, mesmo vendo seu povo ser banido da região, ainda sentiu felicidade em ajudar os soldados não-índios. Este discurso literário novamente constrói a identidade de Rosa como heroína, com grandeza de atitudes.

Rosa, radiante de felicidade, por ver terminada a guerra cruel de perseguição e extermínio feita aos seus (R4 – 03).

[...] lá ficou prestando relevantíssimos serviços na primeira troca das novas relações, de que fora abençoada mensageira (R4 – 04).

Os léxicos *radiante, felicidade, abençoada* produzem o efeito de sentido de valorização e de afeição ao povo índio, a seus antepassados. Por outro lado, o superlativo *relevantíssimos* mobiliza idéias de supervalorização da figura da índia, de modo que a figura feminina passa a fazer parte do fio discursivo da história, por meio do discurso literário, eternizando-a mais uma vez como heroína e pacificadora entre índios e não-índios. Ou seja, por meio do superlativo há a exaltação desta personagem, enquanto elemento fundamental nas negociações rumo ao desenvolvimento de Mato Grosso, principalmente, se considerarmos a autoria da crônica que se refere à índia, então escrita pela esposa do governador do Estado, na época, a senhora Maria do Carmo de Mello Rego, o que torna esse discurso com valor de autoridade, considerando o lugar da enunciadora.

Como podemos notar, temos um discurso que emerge o efeito de sentido de verdade absoluta, quase irrevogável pelo enunciatário, visto que, segundo Maingueneau (2005, p. 93), “[...] enunciar não é somente expressar idéias, é também tentar construir e legitimar o quadro de suas enunciações”.

A valorização de Rosa repete-se em outros discursos como, por exemplo, os produzidos pela historiadora da cidade Rondonópolis, Carmelita Cury, que também exalta os feitos dessa “heroína”, narrando a responsabilidade da índia pela paz e pelo fim das perseguições feitas ao povo bororo, apontados, no texto, pelos elementos *graças a esta índia, linda, audaz e inteligente*.

Graças a esta índia, terminaram as malignas incursões dos gentios pelas terras de seus maiores dominadores, os Xavantes (R6 – 01).

[...] linda, inteligente e a mais audaz das índias da tribo bororo (R6 – 02).

Já o discurso produzido pela Missão Salesiana em Mato Grosso (1986) aponta um outro efeito de sentido em relação aos feitos de Rosa Bororo junto aos militares:

[...] a fala dela e os presentes dos militares convenceram um grupo de bororos a entregarem as armas e a entrarem pacificamente em Cuiabá (R5 – 01).

Aqui o discurso religioso traça a construção identitária da índia em que a conjunção “e” articula duas idéias que, de modo geral, podemos dizer que são antagônicas, se relacionarmos à história e às relações multiculturais presentes no nosso país. É interessante observar que o operador aditivo coloca num mesmo plano as duas idéias articuladas, numa conclusão de que somente a presença da índia não era suficiente para a mudança de posição dos índios. Foi necessário o presente, a interferência do branco, caracterizando um processo de assimilação da cultura dos não-índios pelos índios.

Um outro enunciado em que a presença de Rosa não é o centro da história é apontado pelo antropólogo e religioso Bordignon (2001):

[...] o governo de Mato Grosso resolveu convencer umas mulheres Bororo, escravas em Cuiabá, a colaborar (R7 – 01).

No recorte R7-01 o indefinido “umas” deixa transparecer o anonimato das mulheres bororas, ou seja, trata-se de personagens desconhecidas. Não se elege para este contexto um nome específico, como se espera ao se usar, em um texto, o artigo indefinido, isto é, esperamos que essa entidade desconhecida seja apresentada na seqüência.

A Sereia das Águas Vermelhas é cantada em verso e prosa, numa alusão às águas do rio Vermelho, na cidade de Rondonópolis. E esses discursos produzidos por aqueles que escrevem a história de Rondonópolis buscam sempre construir a figura de uma heroína para ser lembrada como parte constitutiva da história da cidade: a imagem da mulher-Monumento sempre destemida, lutadora e pacificadora entre índios e não-índios, conforme se pode notar na forma verbal “*procurar entendimento*”, situação em que demonstra o empreendimento de Rosa em busca da paz pelos seus semelhantes.

[...] fizeram-na afastar-se do acampamento de resistência e procurar entendimento com o chefe da força sediadora do governo (R6 -03).

Já em R6 – 06, há o deslocamento do interdiscurso da sacramentalização da paz entre índios e não-índios, para o interdiscurso do desenvolvimento de Mato Grosso, situação em que a colaboração dos índios na cultura local era fundamental, o que só ocorre com a intermediação de Rosa junto aos militares e a seus semelhantes, ratificando mais vez a imagem de mulher ideal, pacificadora, colaboradora nas questões relativas ao desenvolvimento econômico e à política da região.

[...] depois desse entendimento os índios bororos prestaram relevantes serviços, dentre outros, na construção da rede telegráfica do sul e leste de Mato Grosso, principalmente em Rondonópolis, onde em todos os sentidos havia a colaboração e participação dos índios (R6 – 06).

O marcador temporal “depois desse” traz duas idéias que estão imbricadas e são complementares: a de que os índios só colaboraram com os não-índios assim que foi feita a promessa de submissão de Rosa, ou de seu povo.

Embora tivesse prestado “relevantíssimos” serviços às forças militares, o olhar de Rosa sobre o não-índio busca afirmar as diversas atrocidades pelas quais seu povo passou durante a construção do desenvolvimento político, econômico e social da região de Mato Grosso.

No enunciado R8 – 01 há a descrição das ações do não-índio contra o índio, ou seja, têm-se as últimas palavras de Rosa ditas a seu filho José Coroado, antes de morrer e, aqui são recolocadas por Marechal Rondon.

Não confie nos brancos. São homens que manejam o raio, que vivem sem pátria, que vagam para satisfazer sua sede de ouro, e nos acariciam quando de nós têm necessidade, porque a terra em que pisam, e os campos e os rios que assaltam são nossos... atingida a meta, são falsos e traidores (R8 – 01).

Aqui se constrói a representação social do não-índio, por meio do discurso de Rondon, mostrando todas as estratégias de assimilação cultural em que é permitido enganar, assaltar, invadir, trair para conseguir seu objetivo. Na verdade, há uma FD que atravessa tal fala, evidenciando, por redes de memória, que o não-índio sempre explorou os povos que aqui chegaram, ao longo da história do nosso país.

O uso das formas verbais no presente do indicativo provoca o efeito da verdade em relação à fala de Rosa Borora sobre o branco, enquanto o uso do imperativo “não confie” tem por objetivo atingir o alocutário no sentido de levá-lo a uma ação específica, que é a de desconfiar sempre das atitudes do homem branco.

O que podemos evidenciar na construção desses discursos, que articulam a figura indígena, no processo histórico de construção de uma imagem para Rondonópolis, é o retorno ao discurso indianista de José de Alencar, em que o índio é cantado como figura heróica, talvez como forma de compensá-los pelos massacres sofridos durante a colonização de terras no Brasil: cantá-los em prosa e verso seria uma forma de prêmio de consolação.

Uma outra questão que parece latente, nas análises feitas até aqui, diz respeito ao imaginário, uma vez que, conforme aponta Baczko (1985, p. 311), “[...] o imaginário se assenta e opera através de sistemas simbólicos, os quais são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, dos seus desejos, aspirações e motivações”, de modo que é construído e consolidado por uma coletividade, atuando como uma força reguladora dessa coletividade, designando identidades.

De acordo com González Stephan (1996, p. 47), o imaginário encontra sua legitimidade na escrita, já que a palavra escrita proporciona a criação das identidades, incluindo ou excluindo aqueles que farão parte da identidade nacional, regional ou local.

No caso de Rosa Borora, temos a criação de uma identidade da figura feminina guerreira, idealista na luta pelos índios, representada na escrita por diferentes autores que versam sobre a saga dos bororos na região, de forma que sua legitimidade na construção de uma identidade para a cidade de Rondonópolis é consolidada por uma coletividade, a partir de seus agentes sociais.

Gestos, atitudes, comportamentos, maneiras de ser também marcam o discurso, que não se caracteriza apenas pelo dito ou pelo que ainda deve ser dito, mas por um conjunto de possíveis significações que operam relações de forças e que atravessam as relações sociais (GUERRA, 2006b). Assim, seguindo a esteira foucaultiana, verificamos que o discurso passa a ser reconhecido como um ordenador do sistema social, enquadrando ou não os indivíduos em determinado conceito social, marginalizando-os ou reconhecendo-os como centro do discurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo apontar caminhos que marcam alguns aspectos identitários da cidade de Rondonópolis, bem como observar as condições de produção da figura feminina neste espaço, considerando que a identidade insurge de um movimento de construção em que se negociam sentidos, selecionam objetos, excluem-se outros, a primeira conclusão a que chegamos neste estudo é a de que a construção da identidade de Rondonópolis fundou-se no cruzamento de uma série de práticas vinculadas a uma série de discursos, políticos ou culturais, que instituem a primeira idéia da cidade.

O que aqui apontamos não constitui uma análise exaustiva, visto que os discursos que traçam uma identidade para Rondonópolis são atravessados por muitas vozes e personagens que precisam ser lembradas de seu sono profundo, para trazer à tona os mil acontecimentos que emergem.

O processo de produção de sentidos nas matérias significantes, que se inscrevem na historiografia, parece enfatizar o caráter de repetibilidade dos textos, buscando compreender/explicitar a tensão subjacente entre o mesmo e o diferente, entre a permanência de fragmentos de estereótipos historicamente produzidos pelo discurso do colonialismo (via discurso da Igreja Católica e do pioneirismo) e as transformações existentes no seio mesmo do repetível/repetido, e quais os sentidos atribuídos a essas transformações na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Laci Maria A. *História da educação em Rondonópolis*. Cuiabá: UFMT, 1995.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: UFPR, 2003.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 296-332
- BORDIGNON, Mário. *Róia e baile*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CARMO, Ailom do. *História de Rondonópolis*. Rondonópolis: Gráfica Modelo, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- GONZÁLES STEPHAN, Beatriz. Economías fundacionales. Diseño del cuerpo ciudadano. In: *Cultura y Tercer Mundo*. Nuevas identidades ciudadanas. Venezuela: Editorial Nueva Sociedad, 1996.
- GUERRA, Vânia M. Lescano. Representação feminina e mídia. *Revista Ave Palavra*, Alto Araguaia: UNEMAT, n. 9, p. 87-98, julho 2006a.
- \_\_\_\_\_. O legado de Michel Foucault: saber e verdade nas Ciências Humanas. In: GUERRA, V.M.L.; NOLASCO, E.C. (orgs.) *Discurso, alteridades e gênero*. São Carlos: Pedro & João,

2006b. p. 201-214.

MACHADO, L. Z. Estudos de gênero: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: SCHPUN, M. R. *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Mulheres, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e texto: a formação e circulação de sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M.; GROSS, M. P. (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. São Paulo: Mulheres, 1998. p. 20-40.

REGO, Maria do Carmo de Mello. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1<sup>a</sup> ano, tomo II, 1895.

RODRIGUES, Marlon Leal. Estudo da ideologia que sustenta o MST. *Revista Ave Palavra*, Alto Araguaia: UNEMAT, n. 5, p. 94-137, ago. 2004.

SCOTT, Joan W. La travailleuse. In: DUBY, G; PERROT, M. (orgs.). *Histoire des femmes*. Paris: Plon, 1991. v. 4, p. 38-65.

TESORO, Luci Léa Lopes Martins. *Rondonópolis – MT: um entroncamento de mão única*. São Paulo: Bartira Gráfica, 1993.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Trad. Mary Del Priori. Brasília: UnB, 1998.